



Universidade de Brasília

**DÉCIMO SEGUNDO CONGRESSO INTERNACIONAL DE HUMANIDADES,
*Palavra e Cultura na América Latina: heranças e desafios.***

**Tema: IDENTIDADE(S) LATINO-AMERICANA(S):
OS EFEITOS DE UMA HERANÇA E OS NOVOS DESAFIOS DA SOCIEDADE
ATUAL.**

De 22 A 24 de outubro de 2009

**Poemas de recordação e outros movimentos –
Uma leitura da arte de poeatar de Conceição Evaristo**

Margareth Villalba

**Brasília
agosto de 2009**

POEMAS DE RECORDAÇÃO E OUTROS MOVIMENTOS – UMA LEITURA DA ARTE DE POETAR DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Margareth Villalba¹

Resumo – A poesia tem um universo muito rico e encanta a todos que aprendem a cultivá-la. Este trabalho pretende analisar alguns poemas de Conceição Evaristo provenientes de sua obra *Poemas da recordação e outros movimentos*. Pretende destacar, ainda, a importância da poesia como processo de participação da mulher na literatura e na cultura social.

Palavras-chave – Poesia. Preconceito. Gênero. Sociedade.

Introdução

Temos diante de nós, o livro *Poemas de recordação e outros movimentos* de Conceição Evaristo. Poeta que se destaca no universo de poetas brasileiros contemporâneos. Sua biografia é a de uma pessoa de origem humilde que se faz grande tal a contribuição que faz à literatura contemporânea. O gosto pelos clássicos, a obstinação pelo conhecimento, a luta por uma melhor condição de vida, fez com que ela se apaixonasse pela poesia, colocando em versos as angústias, as dores e as mágoas que vivenciou. De forma clara, a poeta mostra toda sua verve em poesias e contos que já se fazem conhecer em vários países do mundo.

Conceição nasceu em 1946, numa favela situada no alto da Avenida Afonso Pena, uma das áreas mais valorizadas da zona sul de Belo Horizonte. Sua mãe, dona Joana, era lavadeira, mas tinha a mania de escrever histórias que depois contava para os filhos. Até hoje, a filha guarda esses escritos. Conceição estudou em escolas públicas de Belo Horizonte e depois que terminou o Curso Normal resolveu ir para o Rio de Janeiro. Lá fez concurso e ingressou no magistério. Em seguida prestou vestibular para a Universidade do Rio de Janeiro e foi cursar Letras, sua grande paixão. Sua estréia na literatura começa em 1990. Seus textos foram publicados inicialmente nos Cadernos Negros, antologia editada anualmente pelo Grupo Quilombhoje de São Paulo e em várias antologias internacionais da Inglaterra, dos Estados Unidos, da África do Sul e de Angola. Possui obras em prosa e verso como *Ponciá Vicêncio*, *Becos da memória* e *Poemas da recordação e outros movimentos* do qual escolhemos três poemas para analisar.

¹ Mestranda em Literatura pela UnB.

1º poema:**RECORDAR É PRECISO**

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
 A memória bravia lança o leme:
 Recordar é preciso.
 O movimento vaivém nas águas-lembranças
 dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
 salgando-me o rosto e o gosto.
 Sou eternamente naufraga,
 mas os fundos oceanos não me amedrontam
 e nem me imobilizam.
 Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
 Sei que o mistério subsiste além das águas.

Estrutura externa

Esses versos não apresentam métrica tradicional, nem rimas. São versos livres que dão ao poeta contemporâneo mais liberdade para criar. Sua forma gráfica, centralizada na página do livro, sugere a imagem do vaivém das ondas do mar que na areia da praia traçam um desenho semelhante à disposição em que os versos se encontram. Escandindo-os, verificamos que o primeiro tem quinze sílabas métricas (*a onda invadindo a praia*), o segundo, dez; o terceiro apenas seis (*a onda de volta ao mar*); o quarto verso tem doze sílabas; o quinto tem treze (*nova tentativa de invasão da onda*); o sexto tem oito; o sétimo tem sete; o oitavo, doze; o nono, seis; o décimo, quatorze (*a onda invade novamente a praia*); o undécimo tem onze sílabas. O vaivém gráfico dos versos se assemelha ao ritmo cadenciado na leitura.

Embora não esteja dividido em estrofes, as pausas estão bem marcadas com pontos: no terceiro verso “*Recordar é preciso.*”; no sexto “*salgando-me o rosto e o gosto.*”; no nono “*e nem me imobilizam.*” e os dois últimos versos encerram o poema com duas construções sintáticas conclusivas “*Uma paixão profunda é a boia que me emerge*” e “*Sei que o mistério subsiste além das águas*”. Percebe-se, ainda que a nostalgia e tristeza do eu-lírico estão bem caracterizadas no grande número de vogais graves, nasalizadas, como nas palavras *pensamentos*, *amedrontam*, *profunda*.

Em relação à análise das categorias do discurso, os vários substantivos se apresentam acompanhados de adjetivos, às vezes, valorativos, os quais se antepõem ao substantivo, como no caso de *marejados olhos*, *fundos oceanos*, às vezes, objetivos, como em: *memória bravia*, *movimento vaivém*, *paixão profunda*, mostrando uma característica determinante. Há ainda um adjetivo com valor de advérbio

em *mar vagueia onduloso*, pois está se referindo ao verbo. Outra classe significativa são os pronomes possessivos como em *meus pensamentos*, *meus marejados olhos*, e os pessoais, como em *transborda-me*; *salgando-me*; *não me amedrontam*, e *nem me imobilizam*; *me emerge*, todos eles em primeira pessoa e ligados intimamente ao eu-poético. Em relação aos verbos, temos as formas na terceira pessoa do presente do indicativo *vagueia*, *lança*, *transborda*, *emerge* e *subsiste* marcando uma alternância do eu-poético. O verbo *ser* aparece em terceira pessoa no verso que dá nome ao poema, *Recordar é preciso*, e em *é a boia*, duas construções caracterizando uma situação presente e *Sou eternamente naufraga*, indicando um sujeito permanente consciente do seu próprio ser explicitado no último verso *Sei que o mistério subsiste além das águas*.

Simbologia das imagens

No plano imagético-simbólico, encontramos a intertextualidade no título do poema que nos remete à antiga frase dos navegadores portugueses *Navegar é preciso, viver não é preciso*. Nela se mostra que, assim como aqueles colocavam a arte de navegar acima de tudo, o poeta apresenta o mar como a grande metáfora da Vida e, a despeito das lembranças amargas e tristes como em *águas-lembranças*, sente que é preciso recordar. O eu-lírico, que se declara feminino em *Sou eternamente naufraga*, não se deixa abater, nem fica inerte diante do que lhe possa trazer o inconsciente como em *fundos oceanos*, pois afirma saber o que a vida lhe reserva. O poema configura a imagem da mulher que sabe o que quer e que luta pelo que acredita porque traz dentro de si uma paixão muito grande pela vida, como em *Uma paixão profunda é a boia que me emerge*, que não a deixa sucumbir.

2º poema:

Meu Rosário

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.
 Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum e falo
 padres-nossos e ave-marias.
 Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques
 do meu povo
 e encontro na memória mal adormecida
 as rezas dos meses de maio de minha infância.
 As coroações da Senhora, em que as meninas negras,
 apesar do desejo de coroar a Rainha,
 tinham de se contentar em ficar ao pé do altar
 lançando flores.
 As contas do meu rosário fizeram calos
 em minhas mãos,
 pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas,

nas casas, nas escolas, nas ruas, no mundo.
 As contas do meu rosário são contas vivas.
 (Alguém disse um dia que a vida é uma oração,
 eu diria, porém, que há vidas-blasfemas).
 Nas contas de meu rosário eu teço intumescidos
 sonhos de esperanças.
 Nas contas de meu rosário eu vejo rostos escondidos
 por visíveis e invisíveis grades
 e embalo a dor da luta perdida nas contas
 de meu rosário.
 Nas contas de meu rosário eu canto, eu grito, eu calo.
 Do meu rosário eu sinto o borbulhar da fome
 no estômago, no coração e nas cabeças vazias.
 Quando debulho as contas do meu rosário,
 eu falo de mim mesma um outro nome.
 E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas,
 vidas que pouco a pouco descubro reais.
 Vou e volto por entre as contas de meu rosário,
 que são pedras marcando-me o corpo caminho.
 E neste andar de contas-pedras,
 o meu rosário se transmuta em tinta,
 me guia o dedo,
 me insinua a poesia.
 E depois de macerar conta por conto do meu rosário,
 me acho aqui eu mesma
 e descubro que ainda me chamo Maria.

Estrutura externa

O poema se apresenta na forma de versos livres e em uma única estrofe. Não há preocupação do poeta rimas e número de sílabas. O grande número de versos já sugere o tema, pois um rosário possui muitas contas. O ritmo se assemelha a uma cantilena em que orações são recitadas interminavelmente à semelhança de uma ladainha.

Em relação à análise das categorias do discurso, parte dos substantivos demonstra a existência de um vocabulário pertinente a um sincretismo religioso em que devoções européias estão ligadas ao culto afro como em *rosário*, *contas*, *Mamãe Oxum*, *padres-nossos*, *ave-marias*, *batuques*, *rezas*, *coroações*, *meninas negras*, *flores*. Verifica-se, também, a presença de substantivos abstratos como em *desejo*, *vidas-blasfemas*, *dor*, *luta*, os quais vêm reforçar a reflexão. Os adjetivos presentes no poema parecem transmitir uma nostalgia, talvez o banzo que acomete aqueles que se sentem distantes da Mãe-África, como em *contas negras e mágicas*, *longínquos*, *intumescidos*, *visíveis e invisíveis*.

Quanto às formas verbais, elas se apresentam ora em primeira pessoa quando expressam o eu-poético como em *eu canto, eu ouço, encontro, eu diria, eu vejo, embalo, eu grito, eu calo*, ora se referem a pessoas ou coisas em torno do rosário como em *Meu rosário é feito, as meninas negras tinham, as contas fizeram calos em minhas mãos, as contas são vivas, meu rosário se transmuta*. Há predominância do tempo presente, o que torna o tema vivo e atual.

Valor expressivo tem a aliteração presente no poema. A partir do título *Meu rosário*, o eu-poético se propõe a contar a história desse rosário e ao repetir, como num refrão, ora *Nas contas do meu rosário*, ora *As contas do meu rosário* transforma o poema em uma grande ladainha, como a oração do rosário.

Simbologia das imagens

A poeta, numa metáfora brilhante, fala da vida dos afro-descendentes e sua luta numa sociedade branca e preconceituosa. Utiliza-se para isso de uma imagem em forma de oração mecânica e intimista, que não propõe um diálogo com Deus, mas sim uma repetição constante de fórmulas já prontas. Na realidade, o rosário não deixa de ser um mantra, repetitivo e sonoro, o qual não supõe reflexão. No entanto, esse rosário proposto é uma grande reflexão sobre a vida e a situação de um povo que vivia livre, que foi arrancado de sua terra, arrastado para um país estrangeiro e submetido à escravidão. E mesmo depois de ver reconhecido seu direito à liberdade, continua escravo da pobreza, da ignorância e do preconceito.

As contas negras e mágicas de que fala o poeta, sugerem aqueles que, em meio às agruras da vida, conseguiram retomar a forma primeva, graças à capacidade de resiliência que tiveram. Assim se inseriram na sociedade, demonstrando todo seu valor. Muito forte é a idéia preconceituosa que a poeta denuncia quando se refere às *coroações da Senhora*, quem tem o papel mais importante é sempre uma criança branca e, de preferência, loira, fazendo bem o tipo de beleza européia. Com essa metáfora da coroação, podemos imaginar todos os postos de destaque nas instituições em que o negro é muitas vezes preterido. Ainda bem que as leis foram humanizadas e as denúncias de situações como essa já têm o respaldo da justiça.

Ao afirmar que *as contas do meu rosario fizeram calos/ nas minhas mãos,/ pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas,/ nas casas, nas escolas, nas ruas, no mundo/* o eu-lírico revela a grande preocupação social que perpassa todo o poema. E diante do determinismo de alguns que dizem *que a vida é uma oração*, o que sugere um conformismo diante das injustiças, denuncia que

há vidas-blasfemas, situações desumanas e de miséria inconcebíveis. São muitos os que sucumbem na luta pela fraternidade e igualdade de direitos no mundo, mas esses são sementes de outros que sentem em si mesmos a angústia e a dor dos que sofrem por motivo de preconceito, miséria e ignorância, como em *eu sinto o borbulhar da fome no estômago, no coração e nas cabeças vazias*.

Resta, porém, a esperança e, mesmo diante das dificuldades *Vou e volto por entre as contas de meu rosario, que são pedras marcando-me o corpo-caminho*. Assim, fica configurado o papel da poesia como instrumento de formação de consciências e superação de preconceitos, destarte o caminho seja árduo. E nos últimos versos, um jogo de palavras *conta* e *conto* sugere que o poema é uma reflexão-relato de uma história, pois em *E depois de macerar conta por conto do meu rosario, me acho aqui eu mesma e descubro que ainda me chamo Maria* o eu-poético reconhece a importância do seu lugar na história e a dignidade de pessoa que o nome lhe confere.

3º poema:

PEDRA, PAU, ESPINHO E GRADE

“No meio do caminho tinha uma pedra”,
 Mas a ousada esperança
 de quem marcha cordilheiras
 triturando todas as pedras
 da primeira à derradeira
 de quem banha a vida toda
 no unguento da coragem
 e da luta cotidiana
 faz do sumo beberragem
 topa a pedra pesadelo
 é ali que faz parada
 para o salto e não o recuo
 não estanca os seus sonhos
 lá no fundo da memória,
 pedra, pau, espinho e grade
 são da vida desafio.
 E se cai, nunca se perdem
 os seus sonhos esparramados
 adubam a vida, multiplicam
 são motivos de viagem.

Estrutura externa

O poema é formado por um conjunto de vinte versos livres, com rimas apenas no primeiro e quarto verso; no terceiro e quinto; no sétimo e nono; no décimo sétimo e vigésimo; isto significa que os

versos não obedecem a nenhuma classificação. Há predominância da redondilha maior, o que lhe dá uma conotação bem popular. Embora não haja estrofes, os dezesseis versos iniciais formam uma extensa construção sintática, bem clara, que parece dividir o tema. Os quatro últimos versos fazem o fechamento do poema.

Em relação às categorias do discurso verifica-se que as formas verbais estão em terceira pessoa como em *tinha, marcha, banha, faz, topa, estanca, cai, perdem, adubam, multiplicam* o que coloca o eu-poético como objeto. O grande número de substantivos, sem adjetivação, dá ao poema um cunho áspero próprio do tema em que *pedra, pau e espinho* são imagem dos obstáculos na vida.

Em relação ao aspecto fônico, as vogais graves, nasalizadas, como em *caminho, triturando, banha, unguento, estanca*, implicam o sofrimento dos que vivem marginalizados, sem-teto ou sem-terra, sempre em busca de uma vida melhor.

Simbologia das imagens

Percebe-se a intertextualidade existente no título, uma clara referência à música *Águas de março* que explora tema semelhante: *É pau, é pedra, é o fim do caminho, é um resto de toco, é um pouco sozinho*. Outro ponto de intertextualidade é com a muito conhecida poesia de Drummond. Ambas reforçam a preocupação do poeta em traduzir em versos as dificuldades e obstáculos que o indivíduo precisa transpor para se encontrar.

Uma questão existencial fica latente, pois *quem marcha cordilheiras* precisa se banhar *no unguento da coragem* para ter forças de continuar. *Pedra, pau e espinho* são os entraves na existência, *grade* é a imagem da falta de liberdade que a miséria física e espiritual traz. O texto poético é um grito de revolta contra a situação do marginalizado, mas ao mesmo tempo uma gota de esperança e de alento se verifica nos quatro últimos versos *E se cai, nunca se perdem/ os seus sonhos esparramados/ adubam vida, multiplicam/ são motivos de viagem*.

Conclusão

Estamos cientes de que essa análise de maneira nenhuma se esgota dada a riqueza da poesia de Conceição Evaristo, pois ela consegue colocar traços muito originais em temas tão amplamente abordados. Sua origem e sua feminilidade perpassam toda a sua obra, como já foi mencionado na fortuna crítica a respeito dela. Mas talvez devamos ressaltar o que nos ficou muito marcante ao entrar

em contato por primeira vez com a poeta: a visão do social, a preocupação pela vida, a fala profética, no sentido maior de denúncia, que emana de seus versos.

A biografia de Conceição Evaristo nos mostrou sua avidez pelo conhecimento, sua luta pessoal, que imaginamos ter sido eivada de sofrimento. E nos mostrou, ainda, que aquele que se põe a escrever deve ser um inconformado e angustiado com a injustiça. A poeta, em seus versos, revela a importância da reflexão e do questionamento diante dos acontecimentos mesmo os mais rotineiros.

Com isso concluímos que os livros de poesia nos ensinam a refletir sobre múltiplas questões, sobretudo as existenciais. E que a pessoa se torna melhor depois que lê e vivencia a boa literatura. É preciso ser otimista e acreditar com determinação no poder de transformação que o livro tem sobre nossas mentes. É preciso ter a sensibilidade aguçada para perceber a natureza em volta, as pessoas mais simples, aquelas que vivem à margem da sociedade, como nos demonstrou essa análise.

Se o texto literário, em prosa ou em verso se funda a partir da leitura, quem lê o texto? O leitor, que não é um indivíduo, nem uma consciência (pois que esta é parte do corpo interior). Quem lê o texto é um horizonte de experiências e quanto mais amplo for o campo de experiências de uma pessoa, mais agradável e produtiva será a leitura. A leitura de poesia é um privilégio daqueles que têm sensibilidade. O poema se analisa, a poesia nos leva ao orgasmo.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor*. Textos de Estética da Recepção. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

PERRISSÉ, Gabriel. *Ler, Pensar e Escrever*. 3ª ed. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

REZENDE, Stela Maris. *Esses livros dentro da gente - uma conversa com o jovem escritor*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.